

A QUESTÃO SOCIAL DO SÉCULO XXI

Senador Cristovam Buarque

Senador Cristovam Buarque
Ala Senador Filinto Müller, Gab. 05 Anexo II - Senado Federal
70165-900 Brasília, DF - Brasil

Fone: (61) 311 2281 - Fax: (61) 311 2874

cristovam@senador.gov.br
www.cristovam.com.br

Texto preparado para o
VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro
de Ciências Sociais

Coimbra, 16 a 18 de setembro de 2004

1. O choque do futuro

Foi Rabelais quem escreveu que “a ciência sem consciência é a ruína da alma”. O que ele quis sugerir a respeito dos indivíduos serve também para cada sociedade humana e para a civilização em geral.

Desde os gregos, com o mito de Prometeu, há uma preocupação com os riscos do avanço técnico sobre os destinos da humanidade. Mas foi sobretudo com a revolução industrial, e especialmente a partir da segunda metade do século XX, com a explosão da bomba atômica, que essa preocupação se aprofundou. A esperança passou a conviver com a angústia.

E agora, na passagem do milênio, com os saltos científicos e tecnológicos - da biologia, da informática, da microeletrônica - a preocupação se aprofunda. A esperança se transforma em angústia.

Desde o final do século XIX, o mundo imaginava que o ano 2000 seria o coroamento do processo civilizatório. Entre a segunda e a penúltima décadas do século XX, o mundo dividiu-se entre socialismo e capitalismo, mas esteve unido diante do panorama universal que representava o ano 2000 como coroamento da utopia. Acreditava-se que o Primeiro Mundo caminhava para a utopia da riqueza bem distribuída com liberdade, o Segundo Mundo caminhava para a utopia, da igualdade construída com planejamento, e o Terceiro Mundo caminhava, tardio mais firme, para a utopia ora capitalista, ora socialista.

Todos crentes em um futuro sem problemas, conquistado graças ao avanço técnico.

O século XXI surpreendeu o mundo.

Por um lado, o avanço técnico superou as mais otimistas expectativas dos escritores de ficção científica, e a realidade social superou todos os pensadores sociais pessimistas. Quando se compara a realidade do ano 2000 com a ilusão que dele tinham os seres humanos em 1900, observam-se duas

- **um choque social**, que defina os instrumentos de um **projeto de inclusão**, um **projeto de distribuição da renda**, um **projeto de redução das desigualdades regional**;

- **um choque ético**, capaz de eliminar a corrupção e construir uma sociedade sem exclusão.

Se essas reorientações funcionarem na derrubada da **Cortina de Ouro** que divide o Brasil, como funcionou com a derrubada da **Cortina de Ferro** que separava as duas Alemanhas, servirão como exemplo para um programa mundial, uma espécie de **Plano Marshall Social Global** capaz de enfrentar o problema da exclusão social em escala planetária.

provocando um comprometimento de seu futuro por causa de: uma brutal e irresponsável depredação da sua natureza, uma concentração da renda que divide o país em duas castas radicalmente diferenciadas, não apenas desiguais, um endividamento asfixiante, inflação desarticuladora do tecido social e pela inviabilidade do perfil social excludente.

Nos últimos anos, um **choque democrático** eliminou a ditadura, um **choque monetário** permitiu a estabilidade monetária, mas nada mudou nas demais realidades sociais nem ecológicas. O Brasil continuou um retrato da humanidade do século XXI, com toda sua desigualdade injusta socialmente e depredadora ecologicamente, caminhando para a **apartação** entre classes e entre gerações. Como no Mundo, no Brasil, a **Cortina de Ouro** corta o país em duas castas, no presente, e suas gerações, presente e futuras.

Com todas as tragédias e todos os recursos, o Brasil poderia ser o país a apresentar uma reorientação do seu projeto social em direção a uma **modernidade-ética**. Mas isso não parece ocorrer. O país continua governado sob a ideologia do crescimento econômico depredador e concentrador, mesmo depois do **choque eleitoral**, quando foi escolhido um partido de trabalhadores e de esquerda, e eleito um presidente originário das camadas mais pobres da população.

Para servir de exemplo, o Brasil precisaria:

- a) fazer uma revisão de seu conceito civilizador buscando entender que o crescimento econômico eleva a riqueza, mas que ela não reduz a pobreza; para reduzir a pobreza são necessárias políticas públicas orientadas diretamente ao atendimento das necessidades sociais;
- b) dar três choques através da definição de políticas públicas
 - **um choque ecológico**, que estabeleça limites rígidos para uso e manipulação do patrimônio natural por parte do processo econômico;

surpresas: uma realidade científica e tecnológica muito mais brilhante, e uma realidade social muito mais trágica.¹

A grande questão social do século XXI será como **dar consciência à ciência, como submeter o avanço técnico aos valores éticos**. Dar alma ao processo civilizatório. **Administrar os êxitos do avanço técnico diante dos riscos que ele colocou para a humanidade**, enfrentando quatro questões:

- a) **a questão democrática**, entre países e gerações: como reformar a **democracia-nacional-de-curto-prazo**, para incorporar os desafios de um **mundo-global-com-efeitos-de-longo-prazo**.
- b) **a questão do terrorismo**, entre militantes contra inocentes: como impedir que o **poder-individual-com-armas-catastróficas** se imponha à **paz-nascidades**.
- c) **a questão da desigualdade**, entre os seres humanos: como impedir que a **brecha-da-desigualdade-social** se transforme em **ruptura-biológica-da-espécie-humana**.
- d) **a questão ecológica**, entre os homens e a natureza: como fazer para que o **aumento-da-riqueza-social** seja feito sem uma **redução-do-patrimônio-ambiental**.

2. O Condomínio-Terra: respeitando os vizinhos.

A democracia foi criada e até hoje se mantém como um **processo nacional e limitado ao período entre duas eleições**. E funcionou corretamente, mesmo quando o mundo avançava do isolamento dos estados-nação da Grécia antiga até os impérios modernos do século XX.

¹ Ver do autor o livro **A Cortina de Ouro - os sustos do final do século e um sonho para o próximo**. Editora Paz e Terra.

O que mudou nas últimas décadas é que o poder de cada governo, e mesmo de algumas empresas, passou a ser planetário, instantâneo, e com efeitos seculares.

Por quinhentos anos, do final do século XV até o final do século XX, o processo de integração mundial cresceu, mas as relações se davam entre países, intermediados por períodos e com os impactos das decisões limitados no tempo. Isso mudou a partir das últimas décadas do século XX: o mundo encurtou a ponto de se tornar uma aldeia global, as decisões tomadas em qualquer lugar se espalham instantaneamente e seus efeitos podem perdurar ao longo de séculos. Mas a democracia continuou limitada ao espaço nacional e ao horizonte entre eleições.

Nos EUA, um país cuja força militar tem o poder de intervir em qualquer nação, cujo arsenal atômico pode destruir o mundo, cuja economia tem provocado o aquecimento de todo o planeta, o presidente pode ser eleito com os votos de um dos bairros de uma cidade da Flórida. E suas decisões e ações devem ser tomadas no curto horizonte dos quatro anos que o separam da eleição seguinte. O planeta pode derreter suas calotas polares, inundar todas as cidades litorâneas no prazo de algumas décadas, mas o presidente tem que decidir com base no nível de emprego e no ano da próxima eleição.

Mesmo que os resultados sejam universais e durem por séculos, o governo de qualquer dos países ricos toma decisões com base no impacto de suas ações para os seus eleitores, nos anos ou meses seguintes.

Não apenas os EUA e os países ricos. Qualquer país, independente de seu tamanho e sua riqueza, pode tomar decisões que repercutirão no mundo inteiro e por um longo período. Qualquer país pode mudar o mundo por muito tempo se autorizar o livre funcionamento do crime organizado ou de bases terroristas, a lavagem de dinheiro ou a construção de grandes represas ou centrais nucleares em seu território. Democráticamente, com os votos de seus poucos eleitores e olhando para as próximas eleições, cada país pode escolher governos que mudarão a realidade mundial pelos próximos séculos.

d) desenvolvimento ético

O conceito de pobreza criou o PIB ou a renda *per capita* para indicar o desenvolvimento de uma nação. Recentemente, para considerar o quadro da pobreza, foi inventado o conceito do **IDH – Índice de Desenvolvimento Humano**. Mas esse novo conceito é incapaz de incorporar o vetor fundamental de desenvolvimento para o novo século, que vai precisar também de um **IDE – Índice de Desenvolvimento Ético** de cada país, baseado em:

a) diretamente proporcional:

- ao índice de distribuição de renda entre sua população;
- à percentagem do PIB usada em programas de solidariedade, tanto internos quanto voltados para populações pobres de outros países;
- à proporção da população com acesso garantido aos bens e serviços essenciais,
- ao grau de sustentabilidade ecológica do seu processo produtivo;
- às medidas protecionistas do patrimônio ecológico; e
- às políticas sociais de atendimento aos seus pobres, velhos e crianças.

b) inversamente proporcional:

- aos gastos com armas como proporção do PIB.

6. O exemplo brasileiro

O Brasil é o melhor retrato da humanidade no começo do século XXI, tem todos os recursos e todas as tragédias da civilização contemporânea. O desenvolvimento brasileiro é um exemplo do fracasso do processo civilizador humano.

Seu crescimento ao longo do século XX foi capaz de criar uma poderosa economia, uma vigorosa infra-estrutura, mas ao custo de uma ditadura e

No século XX prometia-se a igualdade de consumo, fosse por excesso de produção para atender a demanda de todos, por meio do mercado; fosse por controle social, a controlar a demanda por meio do planejamento estatal. O caminho da **modernidade ética**, sem exclusão, não pode ser pelo simples espalhamento da oferta, nem pelo controle da demanda. O caminho será o uso dos recursos técnicos como condição para se evitar a ruptura da espécie, através da garantia de acesso aos bens e serviços necessários para uma vida digna a todos os seres humanos, globalmente, independente do país onde nasceu ou vive.

c) o respeito à diversidade

O mundo ainda não sabe como impedir o terror catastrófico, ainda menos, como enfrentar o seu risco sem matar os valores e procedimentos democráticos, mas, um caminho está em abolir o desprezo ou o ódio cultural entre grupos. O terror de Hitler contra os judeus era fruto de sua intolerância contra o povo judeu. Uma resistência terrorista de judeus contra ele seria a reação à sua intolerância. O terror mais visível de grupos islâmicos sobrevive não apenas pelo uso de seus próprios instrumentos clandestinos, mas também porque aparece aos olhos da população como a única forma de reagir a intolerância natural como se espalha a civilização ocidental - da produção, da democracia, da arte, do lucro, da lógica, do materialismo, da própria ciência moderna - sobre um mundo que deseja manter valores alternativos, tradicionais - da religião, da cultura, da economia, dos costumes.

A civilização hegemônica ocidental, ao se espalhar, se impõe criando bolsões de resistência que se transformam em terrorismo de parte de alguns enlouquecidos. O futuro da humanidade passa pela construção de uma civilização que respeite a diversidade da humanidade, estancando o movimento de quinhentos anos de marcha em direção à dominação absoluta dos valores e sistemas sociais nascidos na Europa.

Um governo brasileiro, eleito democraticamente, pode construir hidrelétricas que mudem a ecologia e ameacem seus vizinhos; em nome de resultados imediatos, para influir nas próximas eleições, pode tolerar ou mesmo incentivar a ocupação descuidada da Amazônia ou mudar o curso de seus rios.

A humanidade se tornou refém do governo de qualquer país.

A **democracia-nacional-de-curto-prazo** não é um sistema que ofereça o equilíbrio e a harmonia de que o mundo precisará no correr do presente século. O século XXI trouxe o desafio de criar uma democracia que se mantenha nacional e de curto prazo, mas que se submeta a regras que permitam convívio internacional e respeito ecológico; que leve em conta os eleitores do resto do mundo, até mesmo aqueles que ainda não nasceram.

Não se vê solução para essa questão, seja dentro do processo democrático-nacional-de-curto-prazo de hoje, seja em uma reforma capaz de implantar uma democracia-planetária-de-longo-prazo. A solução se dará na definição de limites éticos internacionais impostos ao funcionamento da democracia de cada país. O mundo do século XXI deve ser visto como um condomínio de nações, o **condomínio Terra**, onde cada uma é soberana, mas tem sua soberania limitada por regras éticas comuns a toda a humanidade.

3. A Arena-Terra: controlando o incontrolável

Apesar de toda a arrogância da civilização moderna, o século XX foi um tempo de medo. O medo medieval - das trevas, do desconhecimento, do inferno -, tão menosprezado pelos seres humanos do século XX, foi substituído e agravado pelo medo dos gases na Primeira Guerra, o medo do nazismo, o medo do comunismo, o medo dos bombardeios aéreos e, sobretudo, o medo da hecatombe nuclear. Agora, no século XXI, o medo do terrorismo. A partir de 1980, o mundo passou a respirar aliviado diante dos acordos de desarmamento entre as duas grandes potências. Com o colapso

da URSS e o surgimento de uma única superpotência, a guerra nuclear ficou obsoleta, o medo também. Tudo indicava um tempo de paz, sem medo.

Não demorou para o medo se agravar. No lugar do enfrentamento aberto entre duas superpotências que se anulavam pelo temor mútuo, o mundo passou a se assustar diante o risco do terrorismo clandestino internacional sem controle com armas de poderes catastróficos - biológicas, químicas, nucleares. O que aconteceu em Nova York com a destruição de suas torres foi apenas a demonstração do que se previa há anos: descontentes com o rumo da civilização democrática ocidental usando armas criadas pela civilização ocidental². Não foi a primeira vez que se orquestrou e executou um ato terrorista de grande porte, nem foram esses atos privilégios de uma determinada religião, ou religiões. Poucos anos antes do Onze de Setembro, o norte-americano Timothy McVeigh destruiu um edifício em Oklahoma apenas para protestar contra o papel do governo norte-americano. E loucamente pediu para morrer sem fazer os apelos jurídicos a que tinha direito.

Timothy McVeigh é uma versão louca de Mohammed Atta.

O que mudou foi a dimensão do medo. A civilização passou a oferecer aos descontentes armas com poderes ilimitados.

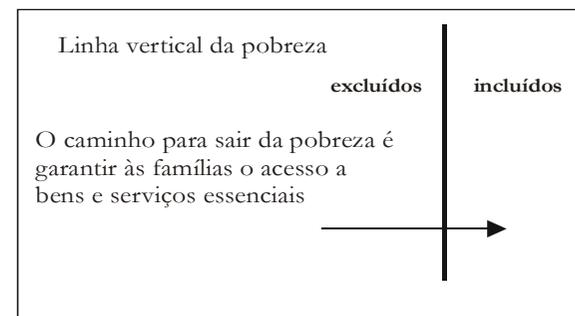
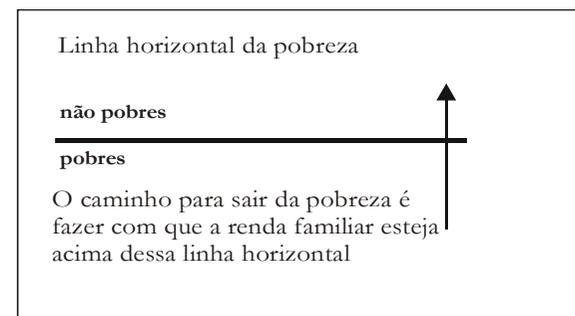
O mundo sempre conheceu terrorismo e maldade. Mas a maldade era cometida abertamente por países com grandes poderes ou clandestinamente por indivíduos com poderes limitados. Gengis Kan, Hitler, Stalin, Nero não foram chamados de terroristas porque tinham o título de governantes. O terrorismo de estado era e continua sendo aceito com naturalidade.

Hitler não foi chamado de terrorista, quando ordenou a morte de seis milhões de pessoas pelo uso de gás nos campos de concentração; mas os loucos japoneses que usaram o gás no metrô de Tóquio foram tratados como terroristas. O Gulag soviético não foi visto como um ato terrorista, mas sim

¹ Ver do autor *A civilização do medo - O medo como parte do sucesso da civilização hegemônica*, preparado para o Colóquio “L’hegémonie et la civilisation de la peur”, abril/2004, Alexandria, Egito.

fato de que ela mede apenas a abstração da renda e não a posição social da pessoa com respeito a seu acesso aos bens e serviços essenciais.

A questão social do século XXI, a construção de uma globalização sem exclusão, vai exigir a redefinição do conceito de pobreza, não mais com base no valor da renda, no poder de compra, na realização da demanda, mas no poder de acesso, na posição de consumo, no atendimento a suas necessidades: sendo pobre aquele que não tem acesso aos bens e serviços essenciais, não importa seu nível de renda. No lugar da linha horizontal da pobreza que separa os que estão acima e abaixo de um determinado nível de renda, uma linha vertical que separa, de um lado e de outro, aqueles com e sem acesso aos bens e serviços essenciais à vida digna no mundo moderno, de acordo com sua própria cultura.



Na maior parte da história, a riqueza foi um conceito inexistente, ou limitado aos príncipes. Nos tempos gregos, o homem rico era o homem culto; na idade média ocidental, a riqueza estava sobretudo na virtude e no Céu; mas sempre como acúmulo de patrimônio, não como fluxo de consumo. Foi o capitalismo que inventou o conceito de riqueza como sinônimo de produção e de consumo. Com isso, criou uma contradição lógica, passou a chamar de riqueza o que se destruía para consumo anualmente, e não o que se acumulava ao longo da história. A riqueza passou a ser um fluxo e não um patrimônio.

O PIB e a renda indicam riqueza mesmo quando evaporam na quase totalidade a cada ano, depredando o patrimônio acumulado pela Cultura ou herdado da Natureza.

Além do vazio lógico e existencial deste conceito de riqueza material e fluída, o poder catastrófico da tecnologia moderna, mostrou a falência intrínseca desse conceito, ao não considerar a depredação que a construção da riqueza provoca. O homem mede sua riqueza, de quase US\$40 trilhões ao ano, com base no que se consome e sem levar em conta quanto foi depredado em patrimônio natural e cultural.

A redefinição do conceito de riqueza é uma questão determinante para a reformulação da questão social do século XXI. Uma redefinição que leve em conta as diversas perdas decorrentes da produção, especialmente a redução do patrimônio cultural e natural.

b) o conceito de pobreza

O conceito de riqueza aprisionou o conceito de pobreza. Passou a ser considerado como pobre aquele que tem uma renda inferior a um determinado valor por dia: sem muita explicação, US\$1,00. Essa definição perdeu as raízes com a essencialidade do conceito de pobreza. Não se trata somente de ser este um valor muito baixo; tampouco por ele desconsiderar a diversidade no grau de monetarização e os problemas cambiais em cada sociedade. Mas do

como uma absurda política de estado, legalizada pelos canais políticos; o lançamento de uma bomba atômica sobre Hiroshima não foi visto como um ato terrorista, embora visasse aterrorizar os japoneses e forçá-los à rendição; ambos foram tratados de modo distinto dos seqüestros atuais no Iraque, porque eram decisões públicas, legitimadas pelo voto ou pelo poder político aberto. A construção de uma represa que desaloja e joga na miséria milhares de exilados do desenvolvimento não é um ato terrorista, mas a explosão da barragem que destruirá a vida e a propriedade de centenas de milhares de pessoas é um ato de terror. A política econômica que desemprega, esfomeia, aquece o Planeta inundando o litoral dos continentes não é vista como um lento e silencioso ato de terror, mas uma manifestação de protesto pela defesa do meio ambiente é tratada como terrorismo.

Porque de um lado está o Estado, com seus crimes legalizados, de outro estão enlouquecidos indivíduos com bandeiras ilegais. Os loucos que derrubam um avião matando dezenas de inocentes são terroristas, mas o lúcido que ordena usar aviões para bombardear uma cidade matando milhares de inocentes é presidente. Até 11/09/2001, o terrorismo de grande poder era estatal, enfrentado por meios políticos ou pela guerra aberta, e o terrorismo clandestino era de armas pequenas.

A questão do século XXI é que a geração de terroristas que derruba aviões está sendo substituída pelos que usam aviões, e em breve por aqueles que usarão bombardeiros e destruirão cidades inteiras. Os terroristas se igualarão, no poder, aos presidentes, agindo clandestinamente, sem qualquer tipo de controle.

O século XXI traz a questão do terrorismo com armas de grande porte manuseadas por indivíduos que agem na clandestinidade. Capazes de gestos com conseqüências catastróficas, decididos e executados clandestinamente. O mundo será uma **arena-Terra**. Essa é uma situação nova e que provoca três imensas dificuldades: como conviver com a ameaça, como evitar que ela se realize e o que fazer depois.

Como conviver em paz – indivíduos, povos, nações, religiões – apesar da ameaça permanente, invisível, ao redor; como desarmar os que carregam suas vontades, seus ódios, seus projetos e suas armas clandestinas. Como controlar um punhado de agentes do terror, sem desprezar os bilhões de seres humanos pacíficos no dia-a-dia de suas vidas, sem destruir seus valores culturais e suas regras democráticas. O que fazer no dia seguinte ao ato, previsível, em que detonarão uma arma nuclear, um artefato químico ou provocarão epidemias espalhando bactérias. E como impedir que continue a tentação do terrorismo estatal contra populações pacíficas, como forma de impedir o terrorismo clandestino contra pessoas inocentes.

4. A Casa-Terra: derrubando os muros

No final do século XV, a civilização deu seu primeiro grande salto rumo à universalização territorial. A Terra tornou-se redonda, e integrada em todas as direções. Quinhentos anos depois, no final do século XX, a civilização deu o salto definitivo rumo à sua globalização plena. A Terra ficou pequena, e integrada em todos os aspectos sociais.

Mas se a universalização se fez com o mundo dividido entre índios e europeus, senhores e escravos, a globalização se completou com o mundo dividido entre incluídos e excluídos, ricos e pobres. O mundo, economicamente integrado, continuou socialmente desintegrado.

Ainda mais grave, a globalização econômica se dá ao combinar:

- a mais radical das revoluções tecnológicas, capaz de mudar a própria estrutura biológica dos seres humanos, com
- a mais forte desintegração social, que traz a maior brecha na desigualdade entre os seres humanos.

³ Ver do autor o livro *O Que é Apartheid – o apartheid social no Brasil*. Editora Brasiliense, coleção Primeiros Passos.

como se os seres humanos fossem parte dele, ao contrário da ótica que usamos desde que os gregos inventaram a lógica e nos distanciaram da Natureza, com a idéia de sermos imagem de Deus e não mais parte do mundo natural, das pedras, plantas e animais. Passamos a ser os donos das pedras, plantas e animais e a tratá-los apenas como matéria prima e depósito dos resíduos de uma civilização baseada na transformação deles em produtos materiais.

A solução não estará em uma volta ao passado ou na tentativa de espalhar o sentimento da relação homem-natureza presente em grupos “primitivos” ou em filosofias orientais, mas sim em construir uma forma de **antropocentrismo modesto**, que não fuja da condenação humana de olhar a natureza com olhos humanos, mas que não caia na tentação de vê-la como um inimigo a ser domado, ou um elemento sem importância nem valor próprio. Ver o patrimônio da Natureza como base fundamental da sobrevivência e como parte da herança humana.

Para isso, antes mesmo de uma nova filosofia que supere a arrogância epistemológica e moral como a civilização trata a Natureza, para um antropocentrismo modesto, respeitador da Natureza, o mundo precisa definir regras claras que submeterão cada povo e cada nação ao respeito ecológico, levando em conta a depredação decorrente do processo produtivo. O humanismo de um antropocentrismo modesto incorporaria a perda de patrimônio natural como uma perda no projeto civilizador.

6. Uma Modernidade-Ética: o enfrentamento das questões

As grandes questões sociais do século XXI deverão ser enfrentadas não apenas com novas idéias, mas também com novos instrumentos.

a) o conceito de riqueza

O atual conceito de riqueza, baseado na produção econômica, é muito recente.

daqueles excluídos pela modernidade. Uma separação ainda mais perversa porque usou a liberdade para tornar **desigual** entre ricos e pobres até mesmo a esperança de vida ao nascer, todos livres, mas **diferentes** que caminham livremente para se tornarem **dessemelhantes**.

A questão social do século XXI será como construir um mundo onde essa barreira desapareça: como derrubar a **Cortina de Ouro**. Como derrubar os muros da educação, da esperança de vida, do atendimento médico, da velhice com dignidade, da infância sem abandono, da moradia com dignidade, da alimentação necessária.

5. A Nave-Terra: o antropocentrismo modesto

Os gregos inventaram não só uma democracia que não permite cuidar bem do mundo moderno global; inventaram também um antropocentrismo que não permite administrar corretamente a relação entre os homens e a natureza.

Até meados do século XX, enquanto o poder da técnica era limitado no espaço e no tempo pelos instrumentos da técnica, até meados do século XX, o antropocentrismo era um avanço da sociedade moderna sobre a sociedade primitiva. Hoje, o antropocentrismo é um risco para o futuro da humanidade.

A continuar nesse rumo, a humanidade corre o risco de destruir seu próprio *habitat* em um prazo curto, de menos de cinquenta anos; ou de se dividir de maneira a manter um padrão elevado de consumo depredador para uma pequena parte da população, e excluir as massas até mesmo do que hoje se considera consumo essencial.

Uma grande questão social do século XXI será rever o conceito natural de antropocentrismo que domina a filosofia social do mundo ocidental há mais de 2500 anos. Esse desafio terá uma dificuldade lógica: pensar o mundo

E provoca, como resultado, o risco de uma ruptura biológica, que dividirá a espécie humana, por meio de uma mutação cientificamente induzida, em benefício daqueles que tiverem acesso aos novos instrumentos da modernidade biotecnológica. Daí a grande questão social do século XXI: impedir que a **desigualdade**, já transformada em **diferença** nos dias atuais, chegue a se transformar em uma **dessemelhança**.³

A grande questão social do século XXI será interromper a marcha das últimas décadas em direção a uma humanidade dividida, onde alguns viverão mais, com mais saúde e inteligência, e outros terão a mesma expectativa de vida atual, com pouca saúde e inteligência limitada.

Para surpresa de todos, o final do século XX e início do século XXI apresentam uma reversão na tendência histórica de integração física e econômica, acompanhada de uma integração social. Começamos o novo milênio com um retrocesso, e abandonamos a luta pela igualdade, que vinha há duzentos anos, pela luta para evitar a mais brutal das desigualdades: na estrutura biológica de nossa espécie.

O século XVIII descobriu a igualdade dos direitos dos homens; o século XIX iniciou a marcha para a sua construção; o século XX descobriu e iniciou a marcha para a construção do direito à igualdade, até mesmo no consumo supérfluo. A revolução iluminista do século XVIII trouxe o sonho; a revolução industrial do século XIX trouxe a possibilidade da igualdade nos direitos; com a revolução consumista, o século XX trouxe a possibilidade de redefinição do propósito igualitário rumo ao **direito à igualdade**, no lugar de apenas a **igualdade ao direito**.

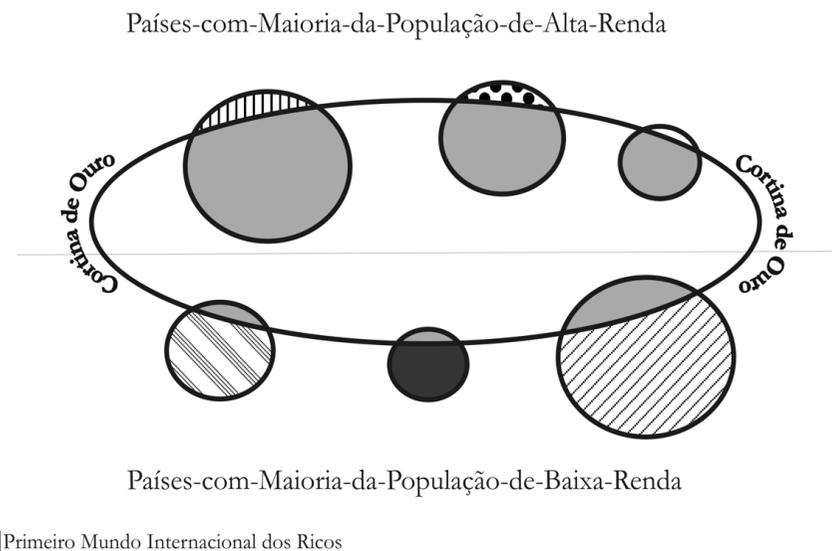
Mas no final do século XIX, especialmente no seu último quarto, o avanço técnico que aumentava a produtividade dentro das fábricas passou a elevar o número de produtos novos. A criatividade humana se deslocou, na economia, da busca de **produzir-maior-quantidade-dos-mesmos-produtos** para a busca de **produzir-maior-número-de-novos-produtos**. Do aumento da produtividade para reduzir a demanda insatisfeita dos produtos tradicionais

passou-se à criação de novos produtos que ampliam constantemente a demanda. De libertário das necessidades, o avanço técnico passou a ser indutor de necessidades. E conduziu a uma reorientação no rumo da humanidade.

A humanidade, que buscava a **igualdade dos direitos**, passou a buscar a **igualdade do consumo**, no mundo capitalista ou socialista. E acreditou que isso seria possível, graças à crescente riqueza dos países do Primeiro Mundo, ao lento mas constante enriquecimento dos países do Terceiro Mundo e à melhoria nas condições de vida dos Países Socialistas. Por qualquer dos caminhos, a humanidade caminharia para sua integração internacional em uma única e imensa nação com **bem-estar elevado para todos os seres humanos**.

O caminho da integração superou todas as expectativas do ponto de vista dos países, mas não do ponto de vista das pessoas. A realidade do século XXI é diferente da esperada. No lugar da integração mundial plena e rica, temos um mundo que se parece mais com o Terceiro Mundo do que com os países ricos. A globalização globalizou o Terceiro Mundo que ficou do tamanho do planeta e globalizou cada país que ficou parecido com o planeta. Antes, o mundo se dividia em países, agora o mundo se divide em grupos sociais, os incluídos e os excluídos. O **Mundo-Terceiro-Mundo** dividiu-se em um **Primeiro Mundo Internacional dos Ricos** e um **Arquipélago Social de Pobres, o Gulag Social Liberal**.

O mundo do século XXI tem os indicadores que tinham os países do Terceiro Mundo em 1970, antes do grande salto globalizante. E esse **Mundo-Terceiro-Mundo** tem dentro de si um mundo integrado de pessoas incluídas na modernidade, sem importar o país onde tenham nascido e vivam, que consomem os mesmos produtos, têm acesso imediato às mesmas informações, cultura e educação, e que formam o **Primeiro Mundo Internacional dos Ricos** do mundo inteiro. Ao lado desse mundo dos ricos, dentro de cada país, multidões de pobres sobrevivem em condições primitivas, formando um **Arquipélago Social de Pobres**.



Não há quase nenhuma diferença nas condições de vida dos habitantes do **Primeiro Mundo Internacional dos Ricos**, independente da distância física e do fuso horário entre seus países; ao mesmo tempo, aumenta em cada um desses países o fosso social nas condições de vida entre ricos e pobres, entre os incluídos e os excluídos da modernidade.

Em alguns países, a maioria faz parte do grupo dos ricos, são os **Países-com-Maioria-da-População-de-Alta-Renda**; em outros, a maioria faz parte dos pobres, são os **Países-com-maioria-da-população-com-baixa-renda**, mas nos dois tipos de países há uma linha que separa ricos de pobres⁴.

O século XIX derrubou o muro que separava os escravos dos senhores livres. O século XX criou a expectativa de que, no final do século XX, apenas a **Cortina de Ferro** separaria os habitantes do mundo de acordo com a ideologia de seus países. Mas o começo do século XXI mostra uma barreira ainda mais forte a separar seres humanos, uma **Cortina de Ouro** que separa ricos e pobres, seres humanos com acesso aos bens e serviços da modernidade

⁴ Ver do autor **Admirável Mundo Actual**, Editora Terramar.